

NÍVEIS DE CONSUMO E VENDA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA PEQUENA PRODUÇÃO DA REGIÃO SEMI-ÁRIDA DO NORDESTE BRASILEIRO:
UM ESTUDO DE CASO

Nilton de Brito Cavalcanti*

RESUMO

A pequena produção da região semi-árida do Nordeste brasileiro tem na agricultura de subsistência sua base de sustentação. Os pequenos produtores cultivam, basicamente, o feijão-caupi e o milho, e também criam pequenos animais, especialmente os caprinos. Com este tipo de exploração, a renda e o consumo dos produtos provenientes da agricultura são muito baixos e, em consequência, a qualidade de vida dos agricultores da região é péssima.

*Mestrando em Extensão Rural - Departamento de Economia Rural - UFV.

NÍVEIS DE CONSUMO E VENDA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA PEQUENA PRODUÇÃO DA REGIÃO SEMI-ÁRIDA DO NORDESTE BRASILEIRO: UM ESTUDO DE CASO

1. INTRODUÇÃO

O Trópico Semi-Árido (TSA) brasileiro corresponde a mais da metade da área do Nordeste (cerca de 75%) e compreende os Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, a região setentrional do Estado de Minas Gerais (vértice meridional do Polígono das Secas) e o Território de Fernando de Noronha (SILVA e PORTO, 1982).

À semelhança de outras regiões semi-áridas, o Trópico Semi-Árido brasileiro apresenta regiões fisiológicas heterogêneas, que condicionam atividades econômicas distintas.

Segundo *SILVA et al. (1981), como em outras regiões semi-áridas do mundo, o Trópico Semi-Árido brasileiro apresenta solos rasos e pedregosos, com baixa capacidade de retenção de água e baixo teor de matéria orgânica, evaporação em torno de 2.000 mm/ano, alta potencialidade para erosão e temperaturas variando de 23 a 28°C. Essas características, associadas à instabilidade climática, representada mais pela irregularidade das chuvas do que por sua escassez, têm-se constituído no principal obstáculo à estabilização da produção de alimentos na região.

As condições climáticas condicionam a pequena produção a uma agricultura de subsistência e os métodos de cultivo e exploração não têm contribuído para que os níveis de consumo e venda cresçam e os agricultores tenham melhorias em suas condições de vida.

As culturas exploradas pela pequena produção não produzem suficientemente para que os agricultores possam vender uma parte de sua produção, sem o comprometimento de sua sobrevivência no período crítico e obrigando-se a consumir outros produtos. Quando há algum excedente, este é vendido ou trocado nas propriedades, com preços muito abaixo do que os praticados no mercado, trazendo, assim, pouco lucro para os agricultores.

2. A PEQUENA PRODUÇÃO E A AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA NA REGIÃO SEMI-ÁRIDA

A pequena produção tem uma importância fundamental no contexto da agricultura dos países subdesenvolvidos, pela quantidade de pessoas que a desenvolvem e pelo fornecimento de alimentos básicos para a população, en

tre outros aspectos sociais e econômicos. Em algumas áreas, a pequena produção é bastante diversificada e em outras, como na região semi-árida, é fundamentada em uma agricultura de subsistência.

Na região semi-árida do Nordeste brasileiro, a pequena produção apresenta características distintas. As condições climáticas são fatores prejudiciais ao seu desenvolvimento. Nesta região, a pequena produção desenvolve-se por meio de sistemas de exploração, que sobrevivem em equilíbrio precário com os sistemas ecológicos e socioeconômicos, com base em uma agricultura de subsistência, apresentando as seguintes características: a) propriedades geralmente com área inferior a 20 hectares, o que corresponde a 80% do total de estabelecimentos da região; b) exploração intensiva da terra, com cultivos de subsistência (milho, feijão), comercializando algum excedente; c) uso de tecnologias tradicionais e baixa produtividade no trabalho, tornando-a bastante frágil para as condições agroecológicas da região; d) a sua principal fonte de renda está na produção agropecuária ou em atividades a ela vinculada, como meeiros e parceiros, ou vendendo sua força de trabalho para a suplementação da renda familiar; e e) baixo retorno econômico, provocando baixos níveis de vida, consumo de bens, serviços e bem-estar reduzidos, com poucas possibilidades de prosperidade (IBGE, 1987; PORTO et al., 1990).

Em 1974, com a criação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido - CPATSA, pela EMBRAPA, a pequena produção desta região passa a ter a possibilidade de empregar uso das inovações tecnológicas geradas ou adaptadas para as condições locais como meio de alcançar melhores níveis de produção.

O CPATSA, desde sua criação, vem desenvolvendo pesquisas voltadas para a solução dos problemas dos pequenos agricultores, tais como elevar a produção de alimentos básicos e preparar estes agricultores para incorporação dos novos processos técnicos, resultantes não só do desenvolvimento tecnológico, mas também da transformação do modelo econômico e social vigente.

O CPATSA já desenvolveu e adaptou algumas tecnologias para a pequena produção da região semi-árida, tais como cisterna rural, barreiro para "irrigação de salvação", barragem subterrânea, captação de água de chuva "in situ" e capim-buffel, as quais se apresentam como alternativas tecnológicas para a pequena produção. Essas tecnologias possibilitam a pequena produção dessa região a maximizar o emprego dos recursos hídricos disponíveis no Nordeste, reduzindo assim o elevado risco da explora-

ção agrícola em áreas dependentes de chuvas.

3. ÁREA CULTIVADA E CULTURAS EXPLORADAS PELOS PEQUENOS AGRICULTORES COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA NA REGIÃO SEMI-ÁRIDA

A região semi-árida do Nordeste tem uma estrutura fundiária em que predominam os pequenos estabelecimentos agrícolas, com pequenos agricultores, que têm sua principal fonte de renda na produção agropecuária, com base na agricultura de sequeiro, explorando culturas de subsistência como milho e feijão e alguns animais, especialmente os caprinos.

Em pesquisa realizada no município de Petrolina-PE, em 1993, evidenciou-se a importância que a agricultura de subsistência tem para os pequenos produtores desta região e as implicações para o seu nível de renda e consumo.

Como se demonstra no Quadro 1, 40,11% da área total do estrato I (propriedades com área inferior a 10 hectares) é cultivada, com média de 2,41 hectares, e 59,89% de área com caatinga e inexplorada. Enquanto 35,21% do total da área do estrato II (propriedades com área entre 10 e 100 hectares) é cultivada, com média de 5,55 hectares, sendo 64,79% de área com caatinga e inexplorada.

QUADRO 1. Distribuição percentual da área total cultivada com agricultura de subsistência e área com caatinga e inexplorada. Petrolina-PE, 1993

Estratos	Percentual (%)	
	Área Cultivada	Área com Caatinga
I	40,11	59,89
II	35,21	64,79

Estes resultados mostram que o tamanho reduzido da área total cultivada, em ambos os estratos, decorre das condições gerais dos sistemas de exploração vigentes na região. Um dos fatores limitantes do tamanho da área cultivada é a irregularidade climática que afeta toda a região.

No quadro 2, observa-se que, para ambos os estratos, as maiores áreas são exploradas com as culturas de caupi e milho, aproximadamente 18 e 10% dos estratos I e II, respectivamente, consideradas culturas de subsistência, inerentes ao tipo de exploração em agricultura

de sequeiro da região.

QUADRO 2. Distribuição percentual, quanto à área total cultivada e área média de acordo com as culturas exploradas. Petrolina-PE, 1993.

Culturas	Área Cultivada (%)		Área Média (%)	
	(ha)		(ha)	
	Estrato I	Estrato II	Estrato I	Estrato II
Caupi	18,63	9,60	1,12	1,51
Milho	18,34	10,05	1,11	1,57
Algodão arbóreo	1,25	0,72	0,08	0,11
Mamona	8,94	5,23	0,54	0,82
Batata-doce	0,83	0,50	0,05	0,08
Mandioca	5,82	3,67	0,35	0,58

Fonte: Pesquisa de Campo. Petrolina-PE, 1993.

4. EXPLORAÇÃO PECUÁRIA NA PEQUENA PRODUÇÃO DA REGIÃO SEMI-ÁRIDA

Quanto à exploração pecuária, no Quadro 3, pode-se observar que os caprinos destacam-se em primeiro lugar, com 41,11 e 59,70% dos animais dos estratos I e II, respectivamente. A média é de 10,0 e 28 cabeças por produtor, para os estratos I e II, respectivamente. Em

QUADRO 3. Distribuição percentual dos animais, de acordo com a quantidade existente em cada estrato. Petrolina-PE, 1993.

Espécies de Animais	Animais (%)		Média de Animais por produtor	
	Estrato I	Estrato II	Estrato I	Estrato II
Fovinos	13,98	12,01	3,40	0,44
Caprinos	41,11	59,70	10,00	28,18
Ovinos	20,14	7,29	4,90	3,44
Equinos	0,20	0,56	0,05	0,26
Suínos	6,59	4,35	1,60	2,05
Aves	17,47	15,80	4,25	7,46

Fonte: Pesquisa de Campo. Petrolina-PE, 1993.

segundo lugar estão os ovinos, com 20,14% dos animais do estrato I, e em terceiro as aves, com 17,47 e 15,80% do total de animais dos estratos I e II, respectivamente.

5. NÍVEIS DE CONSUMO E VENDA DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DOS PEQUENOS PRODUTORES DA REGIÃO SEMI-ÁRIDA COM AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA

Quanto aos níveis de consumo e venda da produção agrícola, pode-se observar, no Quadro 4, que aproximadamente 70% dos produtores de ambos os estratos consomem 100% da produção de feijão e milho, enquanto a venda dos excedentes chega a alcançar níveis de 75% para o feijão, por 12 e 20% dos agricultores dos estratos I e II, respectivamente. No caso do milho, a venda de 75% da produção é realizada por 14 e 37% dos agricultores dos estratos I e II, respectivamente.

QUADRO 4. Distribuição percentual dos produtores, quanto aos níveis de consumo e venda de feijão e milho. Petrolina-PE, 1993.

CULTURAS		Percentual (%)					
		Níveis de Consumo e Venda					
		20%	25%	50%	75%	100%	
Milho	Estrato I	Consumo	30	-	5	-	65
		Venda	-	58	28	14	-
	Estrato II	Consumo	12	-	18	-	70
		Venda	-	50	13	37	-
Feijão	Estrato I	Consumo	10	-	20	-	70
		Venda	-	52	36	12	-
	Estrato II	Consumo	19	-	18	-	63
		Venda	-	62	18	20	-

Fonte: Pesquisa de Campo. Petrolina-PE, 1993.

Já em relação aos níveis de consumo e venda da produção proveniente da pecuária (caprinos, ovinos e aves), no Quadro 5, pode-se observar que 7 e 19% dos agricultores dos estratos I e II, respectivamente, consomem 100% da produção de caprinos. A venda de 100% da produção de caprinos é realizada por 20 e 17% dos agricultores dos estratos I e II, respectivamente.

QUADRO 5. Distribuição percentual dos produtores, quanto aos níveis de consumo e venda de caprinos, ovinos e aves. Petrolina-PE, 1993.

Espécies de Animais		Percentual (%)					
		Níveis de Consumo e Venda					
		20%	25%	50%	75%	100%	
Caprinos	Estrato I	Consumo	22	34	22	15	7
		Venda	-	27	53	-	20
	Estrato II	Consumo	21	28	19	13	19
		Venda	10	-	57	16	17
Ovinos	Estrato I	Consumo	43	21	11	13	12
		Venda	10	-	34	27	29
	Estrato II	Consumo	67	17	4	3	9
		Venda	20	27	4	10	39
Aves	Estrato I	Consumo	43	34	8	12	3
		Vendas	14	9	11	12	54
	Estrato II	Consumo	52	12	16	6	14
		Venda	10	17	13	12	48

Fonte: Pesquisa de Campo. Petrolina-PE, 1993.

Quanto a ovinos e aves, os maiores níveis de consumo são alcançados por 12 e 14% dos produtores dos estratos I e II, respectivamente. E a venda de 100% da produção é realizada por 39 e 54% dos agricultores dos estratos I e II, respectivamente.

6. CONCLUSÃO

Na região semi-árida nordestina, a exploração agropecuária está fundamentada na agricultura de subsistência e na pecuária extensiva, ambas de alto risco, em razão da instabilidade climática. Mesmo assim, a pequena produção tem uma importância fundamental no desenvolvimento desta região, pela quantidade de pessoas que a desenvolvem e pelo fornecimento de alimentos básicos.

Entretanto, as condições climáticas são fatores agravantes para o desenvolvimento agrícola desta região, o que resulta em uma área cultivada bastante reduzida e em baixa produtividade das culturas. Isso acarreta o uso de tecnologias tradicionais que, com a baixa produtividade do trabalho, tornam a pequena produção bastante frágil para as condições agroecológicas da região.

Os níveis de consumo da produção agropecuária são bastante elevados e, sendo poucos os excedentes comercializáveis, resulta em uma baixa capitalização dos pequenos agricultores.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. Sinóse preliminar do censo agropecuário: censos econômicos-1985: Brasil. Rio de Janeiro: 1987. v.4, n.6.
2. GRAZIANO DA SILVA, J., KAGEYAMA, A., RAMÃO, D., NETO, J.A.W., PINTO, L.C.G. Tecnologia e campesinato: o caso brasileiro. Campinas: DEPE/UNICAMP, 1988. (mimeo)
3. PORTO, E.R., VIVALIO PINARE, A.G., WILLIAMS FUENTES, C.O., SILVA, A.S., LOPES, L.H.O. Peguenos agricultores V: métodos de execução de sistemas integrados de produção agropecuária (SIP). Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1980 p.
4. SILVA, A.S., PORTO, E.R., GOMES, P.C.F. Seleção de áreas e construção de barreiras para uso de irrigação de salvação no Trópico Semi-árido. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1981.43p. (EMBRAPA/CPATSA-Circular Técnica, 3).
5. SILVA, A.S., PORTO, E.R., GOMES, P.C.F. Utilização e conservação dos recursos hídricos em áreas rurais do Trópico Semi-árido do Brasil: tecnologias de baixo custo. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1982. 128p. (EMBRAPA/CPATSA - Circular técnica, 14).